

## **“LEVANTA-TE E CAMINHA” CONSIDERAÇÕES SOBRE A GRAMÁTICA DO CAMINHO EM DIÁLOGO COM O DEUTERONÔMIO**

Lidia Maggi<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO: A DINÂMICA DA PALAVRA**

Coloquemo-nos à escuta da Palavra que nos convocou. Uma palavra para ser escutada “hoje”, mas que vem de longe. Antes de deixá-la falar, procuremos intuir o caminho que a trouxe até nós. Não pretendo propor-vos uma visão geral da formação do cânon bíblico e sua recepção ao longo dos séculos. Desejo apenas focalizar a dinâmica do caminho da Palavra atestada nas Escrituras. Com uma imagem que me limito a evocar (mas que poderia ser frutuosa e estudada em várias direções), a dinâmica da Palavra é comparável a uma herança, que nos chega improvisamente, como um dom imerecido do testador, confiado a nós de modo a poder usufruir daquela riqueza. Não é à toa que a Bíblia cristã recorreu imediatamente à linguagem do Antigo e do Novo Testamento: uma maneira de designar a Palavra, claro, em termos de Aliança, mas sublinhando a iniciativa divina, seu caráter gratuito, juntamente com a responsabilidade do bom uso do que recebemos. Exatamente como por herança, a Palavra irrompe em nossas vidas em termos de dom gratuito (graça) e nos pede que nos responsabilizemos por ela, fazendo escolhas e não limitando-nos a mantê-la intacta. A herança não é um fato, mas uma tarefa.

A Palavra herdada é um dom oferecido a filhos e filhas: abre o futuro, faz crescer a responsabilidade. Aquele que deixa uma herança diz aos herdeiros: vocês são preciosos como a herança que lhes deixo; vocês agora são adultos: administrem meu tesouro. O apóstolo Paulo nos lembra disso na carta aos Romanos (não por acaso, essa carta é considerada seu testamento espiritual): “E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo” (Rm 8,17). Não filhas menores, ainda sob controle parental e necessitadas de cuidados, mas pessoas adultas e responsáveis, chamadas a decidir, arriscar, administrar com sabedoria.

A experiência de dar em testamento e receber em herança, mais que uma questão de patrimônio, está em jogo a questão do desejo: o desejo que moveu o testador a agir, sua ação se materializou nos bens realizados e que agora cabe aos herdeiros continuar. É como dizer: mais do que bens, herdamos um desejo, um sonho, que deve ser assumido, não repetindo o que foi feito por aqueles que nos precederam, mas investindo aquele capital em novos projetos, geradores de futuro.

Saber apreender essa dinâmica “testamentária” da Palavra, salvaguardar o sentido do caminho que a trouxe até nós, preserva-nos de entender a convocação (ao Capítulo) como uma nomeação serial, gerencial – ou como as assembleias do condomínio! – e nos coloca diante da Palavra divina, que irrompe em nossas vidas sempre de modo inédito, fazendo “uma coisa nova”, chamando-nos a percorrer juntas (con-vocação) o caminho traçado por Deus, ousando acreditar que é possível abrir

---

<sup>1</sup> **Lidia Maggi**, estudiosa, pastora bíblica, foi designada pelas igrejas batistas para um projeto pastoral itinerante. Trabalha para igrejas e centros culturais que lidam com a formação bíblica e a evangelização. Em particular, agora mora em Dumenza (na província de Varese), numa casa grande onde, como casal pastoral, seu marido e ela realizam hospitalidade para pessoas em crise ou em busca ou simplesmente desejando um confronto. Escreve livros e colabora com várias revistas católicas e protestantes sobre questões de diálogo bíblico, ecumênico e inter-religioso. Com Paulinas publicou *Fare strada con le Scritture* (2017).

estradas “no deserto”(Is 43,19).E as estradas abertas pela Palavra não são os nossos caminhos com imprimatur divino: são diferentes, outras (Is 55,8-9), aquelas que a audácia divina nos dá para que movamos nossos passos na direção de seu Reino.

## **A CENA-MÃE: O DEUTERONÔMIO**

Deste caminho inquietante e plural da Palavra, destaco a cena que inspirou o título do Capítulo de vocês: “*Levanta-te e coloca-te a caminho*” (Dt 10,11) ... *confiando na Promessa*. Todo o livro do Deuteronômio é apresentado como uma rica reflexão sobre a fé a caminho. Além disso, é um texto “testamentário”: são as últimas palavras proferidas por Moisés.

Israel está próximo da Terra Prometida. Após as longas andanças pelo deserto, finalmente o povo que o Senhor tirou da opressão do Egito chegou ao Jordão: basta atravessá-lo para alcançar a meta. O caminho foi fatigoso, parecia infinito; mas agora chega ao fim. O sentido de um caminho não está na meta para a qual se dirige? O que é mais importante do que alcançar o objetivo, garantir o resultado?

Mas no momento mais belo, o Diretor divino interrompe a cena. Uma longa parada na imagem sobre a terra que agora está próxima, para voltar a enquadrar a estrada que ficou para trás... Os fugitivos judeus, que já provaram o leite e o mel prometidos (muito mais atraentes que o maná!), são, ao invés, reconduzidos ao pé da montanha para escutar pela segunda vez o retorno da Palavra (como o título do livro: *deutero-nômio* nos recorda).

Não só o caminho de Israel pelo deserto não foi linear; mas também aquele da Palavra. Mostra uma trajetória inédita, não conforme as expectativas e, sobretudo, não alinhada com a pressa de quem deseja realizar seus projetos.

## **RE-ESCREVER A PALAVRA**

Vamos para a cena descrita no capítulo 10. Apenas um pouco antes é lembrado o caráter pouco confiável e rebelde do povo: assim que foi libertado, quando Moisés ainda estava na montanha para receber as dez palavras, ele está traindo a Deus, prostrando-se diante de um bezerro de ouro. Ainda não estabelecido o pacto com a aceitação de Israel, ele já está quebrado. As duas tábuas escritas pelo dedo de Deus estão quebradas (Dt 9). Fim da aliança? O capítulo 10 fala pela “segunda vez” do pacto e das novas tábuas de pedra. A Palavra deve ser reescrita: mas não muda (v. 4), mas o fato de ser entregue após o pecado do povo, sobre novas placas, força a Palavra a fazer um movimento diferente daquele pensado no princípio, de acordo com o traçado linear da ordem executada.

A Palavra se move em meio à sua traição; aprende a retornar sobre seus passos. Antes, daquele momento em diante, se mostrará como Palavra a caminho, transportada na arca, com muitos ministros – os levitas – encarregados de transportar a arca da Aliança, a colocar em movimento a Palavra, sem qualquer outra preocupação (herança!) que não seja essa.

Palavra ouvida no fogo; Palavra escrita sobre pedra; Palavra transportada na arca. Quando também as grandes palavras constitutivas, lapidares ou gravadas sobre a pedra são quebradas, é necessário repensá-las, recolocá-las no caminho para reencontrar o fogo de onde elas surgiram.

O nosso texto, após a narração da descida de Moisés, volta para trás e narra pedido de intercessão, que preserva o povo da destruição (v. 10). Se a Palavra dá voz a um desejo – o desejo de Deus é que a humanidade habite novamente no jardim projetado para ela desde a fundação do mundo – então é a esse desejo que devemos retornar, mesmo quando a própria Palavra pronuncia julgamentos que parecem sentenças definitivas, condenações sem apelo. Moisés, o homem da Palavra, não está preocupado em salvar a própria pele juntamente com os seus (9,14): ele se preocupa de todo o povo e com astuta sabedoria defende-o aos olhos de Deus. Se o povo recebeu em herança a Palavra de Deus, também Deus herdou o povo e deve cuidar dele apesar de tudo (9,29).

## UMA GRAMÁTICA DO CAMINHO

E neste momento que encontramos o versículo que inspirou o tema do Capítulo de vocês: “O Senhor disse-me: Levanta-te, coloca-te a caminho à frente do povo, para que ele possa entrar no país que jurei a seus pais que haveria de dar a vocês”. (v. 11). O caminho de Moisés tem como única bússola a confiança na promessa: Deus tem reservado para a humanidade uma terra boa, um jardim luxuriante; e para poder habitar esta terra, não fazendo do jardim um deserto, é necessário seguir a Palavra.

A experiência antropológica não é diferente: recebemos uma palavra que nos tira do deserto, uma palavra entregue pela nossa mãe para poder habitar a vida como terra boa, para sair da secura da solidão, da autorreferência e comunicar. A terra boa, mais que experiência eremítica, é vida comunitária, intercâmbio de narrativas, escuta mútua, diálogo. O exílio é a solidão de nossas convicções repetidas como um disco quebrado, e não confrontadas com a vida.

Existe uma relação direta entre obedecer a Palavra e habitar a terra. Tanto é verdade que, quando Israel esquecer a Palavra, perderá a terra e se reencontrará de novo no exílio, não mais no Egito, mas na Babilônia. Moisés lembra exatamente isso em seu discurso testamentário dirigido a Israel.

Assim, podemos reconhecer aqui a cena-mãe do caminho da Palavra. A Bíblia nos mostra os discursos que podem ser feitos em base a essa gramática. Discursos plurais, diferentes, marcados pelos diversos momentos históricos em que surgem, pelos muitos desafios que a humanidade deve enfrentar. Não há um único caminho; mas a mesma dinâmica, aquela ilustrada na cena em que ressoa o “levanta-te e coloca-te a caminho”, que Deus dirige a Moisés e aos seus herdeiros, as filhas e os filhos, que confiam na promessa.

Ecoam neste apelo outras imagens de cura e ressurreição (Jo 5, 8). Promessa de apoio, no fracasso e na perda da direção, por parte de um Deus que caminha conosco e que, quando os joelhos se dobras, mais do que por muita devoção, por desânimo, nos encoraja a recomeçar.

Este convite hoje é dirigido, de modo pontual, às mulheres. No êxodo elas também são chamadas a sair da terra da escravidão. A epopeia de libertação não diz respeito apenas aos homens, mas também às mulheres e às crianças. A herança da Palavra foi deixada a filhas e filhos, herdeiros do Reino; contudo, deve-se reconhecer um silêncio feminino ensurdecedor na Igreja (e não só). A vocação de mulheres missionárias que fazem da comunicação a sua “missão” não pode eximir-se de dar voz a esse silêncio, de assumir a responsabilidade profética de ser vigilante, de denunciar sempre que o evangelho é anunciado apenas para uma parte da humanidade. Juntamente a esta voz de denúncia profética, a presença missionária é chamada a realizar um papel educativo para apoiar, formar, encorajar e todas aquelas vozes femininas que podem fazer (re) descobrir aquele inédito da Palavra que se libera quando esta é colocada novamente a caminho por corpos femininos.

Caminho de risco, em estradas já batidas, mas também inéditas, em lugares desertos, onde é preciso assumir a responsabilidade de abrir novas estradas. Caminho sem o “google maps”, nem tutoriais. As discípulas da Palavra terão de aprender e aceitar que o caminho, nas Escrituras, se abre, sempre, após a experiência da perda da confiança no caminho – *o Senhor nos levou ao deserto para nos fazer morrer* – depois da experiência de vagar por quarenta anos; depois de ter recebido a Palavra pela primeira vez e tê-la abandonado; depois de tê-la recebido pela segunda vez.

É um levantar-se e caminhar, que vem após muitas outras tentativas de locomoção. Afinal, o caminho da Palavra nos dá a sabedoria da retomada, de retornar sobre nossos passos e recomeçar tudo de novo, ou seja, do paradoxo da parada que aciona o caminho, do freio de mão que coloca o carro em movimento. Se a arca é o dispositivo que nos impulsiona para frente, considerando que a história nos solicita a confrontar-nos com os sinais dos tempos, a ser Igreja em saída, as tábuas contidas na arca do pacto expressam o movimento de retorno, de parar para escutar, para que não suceda que nossos pés se encaminhem em becos sem saída, por estradas sem saída.

É sair “com pressa” em direção à montanha de Maria de Nazaré, e juntas, parar aos pés do Mestre de Maria, irmã de Marta. Sentar-se para ler atentamente o testamento que nos chama em causa e mover-se para recolocar em jogo o que foi herdado.

## A PALAVRA PARA ESTE TEMPO

O que essa dinâmica da Palavra pode dizer-nos sobre o nosso presente? Que luz projeta sobre as urgências do nosso tempo? Que indicação oferece à nossa comunidade religiosa?

Porque não somos acadêmicos da Crusca [*instituição linguística da Itália*]: prestemos atenção à gramática apenas para podermos fazer discursos que promovam o bem da cidade, que libertem as igrejas da tentação de voltar ao Egito, que nos façam entender o que significa, hoje, renovar o pacto.

O Livro do Deuterônimo foi escrito num momento de crise, quando Israel perdeu a terra e se encontrou exilado ao longo dos rios da Babilônia. É uma narrativa que nos dá um olhar retrospectivo, que questiona sobre as razões de um fracasso e sobre a ameaça concreta da perda do futuro.

Quando – como lemos no livro do profeta Jeremias – a urgência do momento fazia entrever apenas a alternativa de fazer uma aliança com os babilônios ou rebelar-se contra essa poderosa nação forjando uma aliança com os egípcios. A discussão centrou-se na melhor estratégia política: como salvar a pele. Época de profetas não ouvidos, vistos como presenças destrutivas, serpentes no coração. Tempo de fortes contrastes entre os torcedores adversários. Um momento histórico em que o Templo não mais existe: Ezequiel chega a dizer que o próprio Deus abandona sua residência.

Quando os princípios perenes, que foram referência estável por gerações e gerações fracassam, o que pode ser feito? Como Jeremias e Ezequiel confiaram na promessa? Como o livro do Deuterônimo releu a situação de crise? Esses autores, cujo trabalho chegou até nós em herança, não oferecem soluções baratas. Em vez disso, eles nos incentivam a permanecer na crise, a questioná-la para procurar entender como se chegou a ela. Dizem-nos que há um momento no qual as tábuas da Palavra são quebradas e amontoadas diante do espetáculo dos ídolos. Mas, mesmo naqueles momentos, quando o povo esquece e atraiçoa, os profetas não podem esquecer e atraiçoar o povo. Que sua tarefa não consiste em pregar “paz, paz”, porque seria muito fácil curar a ferida do povo (Jr, 14). Aos profetas é pedido ouvir a Palavra e proclamá-la, tomando cuidado para não confundi-la com suas próprias palavras.

Na consciência da própria fragilidade e precariedade, levando em conta a morte mesmo antes de chegar à Terra prometida. Mas confiando que, se não eles, outros, as gerações futuras entrarão. E, em certos momentos, somos solicitados a manter viva a memória da promessa, acreditar na Palavra e em seu poder. Será a Palavra a nos dizer o que fazer, como redesenhar e reprojeter a vida.

No caminho da Palavra, atestado nas Escrituras, esta cena materna, que tomou forma no tempo do exílio, será discutida e reescrita. Assim encontramos Jó que contesta a confiança deuteronomista na relação entre ouvir a Palavra e a vida abençoada. E o Coélet, que tenta formular uma sabedoria diferente da crise. E o último Isaias, tomado pelo visionário do Apocalipse, que vê “novos céus e uma nova terra”. Contudo, apesar da diversidade de tons e línguas, nenhum livro bíblico se aventura a fazer um discurso não gramatical, que fala da confiança sem ter em contra seu possível fracasso e as consequências históricas (e até eclesiais!) de tal crise.

Para levantar-se de novo e caminhar, é necessário retornar à cena do delito e, ao mesmo tempo, àquela da revelação.

Um caminho que tem a mobilidade dos passos de dança (“Volte, volte, Sulamita...”: Ct 7,1); que sabe assumir uma tendência litúrgica própria daqueles que, olhando para trás, reconhecem que “até agora o Senhor nos sustentou”, junto com o olhar lúcido de quem não remove nada da cena histórica e se responsabiliza por ela.

Um caminho móvel, largo, capaz de entrar nele de modo penetrante (não imediatamente consolador!) na história e no Sinai. Será esse tipo de olhar, promovido por Deus, que nos colocará em pé, a sugerir-nos os passos a serem dados, fazendo na fé uma experiência de escuta real e não uma ideologia tranquilizadora em uma graça supostamente barata.

A Palavra recebida em herança, da qual somos gratos, nos deixa uma tarefa. Ela exige de nós a seriedade da figura profética, que não procede até quando não entende o significado da crise à luz da Palavra. E só depois se levanta e caminha, junto com as pessoas que Deus lhe colocou ao lado.